



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

LAIANY BARROS DOS SANTOS

**ANÁLISE LINGUÍSTICA E ENSINO: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE SOBRE OS
NEOLOGISMOS E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO
GÊNERO TEXTUAL-DISCURSIVO “CANÇÃO DE *RAP*”**

**CAMPINA GRANDE
2020**

LAIANY BARROS DOS SANTOS

ANÁLISE LINGUÍSTICA E ENSINO: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE SOBRE OS
NEOLOGISMOS E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO
GÊNERO TEXTUAL-DISCURSIVO “CANÇÃO DE *RAP*”

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico) apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada do curso de Licenciatura em Letras Português, sob a orientação da Profa. Dra. Dalva Lobão.

Área de concentração: Análise Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Dalva Lobão.

**CAMPINA GRANDE
2020**

S237a Santos, Laiany Barros dos.

Análise linguística e ensino [manuscrito] : uma proposta de atividade sobre os neologismos e os processos de formação de palavras no gênero textual-discursivo "canção de rap" / Laiany Barros dos Santos. - 2020.

36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Dalva Lobão Assis, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Análise linguística. 2. Neologismo. 3. RAP - Discurso rítmico. 4. Gênero textual-discursivo. I. Título

21. ed. CDD 401.41

LAIANY BARROS DOS SANTOS

ANÁLISE LINGUÍSTICA E ENSINO: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE SOBRE OS
NEOLOGISMOS E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO
GÊNERO TEXTUAL-DISCURSIVO "CANÇÃO DE RAP"

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
e Artes da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduada do curso
de Licenciatura em Letras Português, sob
a orientação da Profa. Dra. Dalva Lobão
Assis.

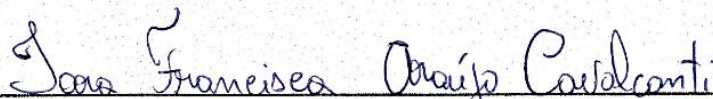
Área de concentração: Análise
Linguística.

Aprovada em: 04/12/2020.

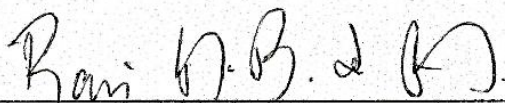
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Dalva Lobão/Assis (orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcanti (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ranieri Machado Bezerra de Mello (examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esta realização para Alice, minha filha, pois a ela pertence meu presente e meu futuro. Cada sutil ou grandiosa conquista minha, será sempre mérito do meu amor por ela.

Preconceito Linguístico

[...]

Não permito que a gramática estragada

Me atinja sem um mero objetivo

Não aceito sua questão analisada

Nem com mil razões que justifiquem isso

Eu aqui é que não escreverei mais nada

Pois quem manda antes em um julgamento

É a forma de como o pronunciamento

Absolverá a vítima palavra.

(MORAES, 2019)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Versos da <i>Cypher Psicopretas Vol.2</i> (por Alinega).....	24
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Análise Linguística
DJ	Disc-Jockey
LGBTQIAPN+	LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRANS/TRAVESTIS, QUEERS, INTERSEXO, ASSEXUAIS/ARROMÂNTICOS, PANSEXUAIS/POLISSEXUAIS, NÃO-BINÁRIES, + outras
_____	dissidências de gênero/sexualidade/afetividade
MC	Mestre de Cerimônias
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
RAP	Rhythm And Poetry

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A GRAMÁTICA NORMATIVA E A ANÁLISE LINGUÍSTICA: POR UMA NOVA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E DE ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA	11
3 DOS NEOLOGISMOS E DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DA TRADIÇÃO PARA A INOVAÇÃO	15
3.1 Neologia fonológica	17
3.2 Neologia sintática.....	17
3.3 Neologia semântica.....	19
4 CANÇÃO DE RAP: UM GÊNERO TEXTUAL-DISCURSIVO EMERGENTE	20
5 DA PROPOSTA DE ATIVIDADE: O RAP, OS PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS E OS NEOLOGISMOS	22
5.1 Explorando o texto no nível sequencial-composicional.....	25
5.2 Nível enunciativo: construindo conceitos	26
5.3 Nível semântico: para uma visão crítica da linguagem	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXO A – PSICOPRETAS VOL. 2: YZALÚ, NYARAI, ALINEGA	34
ANEXO B – PSICOPRETAS VOL. 2: MEG, SISTAH, MONNA BRUTAL.....	35
ANEXO C – CAPA DO SINGLE PSICOPRETAS VOL.2	36

**ANÁLISE LINGUÍSTICA E ENSINO: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE SOBRE OS
NEOLOGISMOS E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO
GÊNERO TEXTUAL-DISCURSIVO “CANÇÃO DE RAP”**

**LINGUISTIC ANALYSIS AND TEACHING: A PROPOSAL FOR ACTIVITY ON
NEOLOGISM AND WORD FORMATION PROCESSES IN THE TEXTUAL-
DISCURSIVE GENRE “RAP SONG”**

Laiany Barros dos Santos

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma proposta de Atividade de Análise Linguística em torno dos processos de formação de palavras (mais especificamente, os processos neológicos), enfatizando o surgimento de neologismos em um gênero textual-discursivo: canção de *Rap*. O gênero em questão, foi escolhido por demonstrar substancial propriedade criadora, sócio-histórica e política, desse modo agindo diretamente como ferramenta de resistência, inclusive e (para este trabalho) principalmente linguística, uma vez que o surgimento de neologismos é recorrente neste estilo musical. Para isso, no intento de apresentar uma abordagem mais contemporânea do ensino de gramática e promover o seu desenvolvimento, enfatizamos as considerações de Bezerra e Reinaldo (2013), sobre a Análise Linguística a partir da base teórica do Interacionismo Sociodiscursivo, apoiadas nos estudos de Adam (2011). Para fins de análise, focalizamos as considerações de Alves (2004), no que concerne à sua ótica inovadora sobre os processos neológicos e os neologismos, em contraste à visão tradicional dos estudos gramaticais desenvolvidos por Basílio (1987), Laroca (1994), Sandman (1997), Cegalla (2008), Margotti (2008) e Bechara (2015). Também adotamos a concepção de língua como processo trazida por Bagno (2014) e Geraldi (2011), bem como os pressupostos teóricos acerca do conceito de gênero textual-discursivo de Bakhtin (2003), Pauliukonis e Cavalcante (2018). De modo a servir como suporte para a construção da proposta de atividade, utilizamos um excerto da *Cypher Psicopretas Vol.2* (2018), à composição e interpretação de Alinega. Por conseguinte, este trabalho salienta sobre a possibilidade de tratar o processo de ensino-aprendizagem de elementos gramaticais em função de um determinado gênero, sem que haja desvínculo da realidade em que circunda, e sem fazer deste um pretexto para o ensino de gramática normativa, observando que a escolha do gênero canção de *Rap* pode atuar no combate ao preconceito linguístico, este sob conceituação de Bagno (2014).

Palavras-Chave: Análise Linguística. Neologismos. Canção de *Rap*.

ABSTRACT

This research aims to present a proposal for Linguistic Analysis Activity around the processes of word formation (or neological processes), emphasizing the emergence of neologisms in a textual-discursive genre: Rap song. The genre in question was chosen by demonstrating substantial creative, socio-historical and political property, thus acting directly as a tool of resistance, including and (for this work) mainly linguistic, since the emergence of neologisms is recurrent in this musical style. To this end, in order to present a more contemporary approach to grammar teaching and to promote

its development, the considerations of Bezerra and Reinaldo (2013) were emphasized, from the theoretical basis of Sociodiscursive Interactionism, supported by Adam's studies (2011). For analysis, Alves' considerations (2004) were focused on his innovative approach to neological processes and neologisms, as opposed to the traditional view of grammar studies developed by Basílio (1987), Laroca (1994), Sandman (1997), Cegalla (2008), Margotti (2008) and Bechara (1994). Also adopted was the conception of language as a process brought by Bagno (2014) and Geraldi (2011), as well as theoretical assumptions about the concept of textual-discursive genre of Bakhtin (2003), Pauliukonis and Cavalcante (2018). In order to serve as a support for the construction of the activity proposal, an excerpt from cypher *Psicopretas Vol.2* (2018) was used, to the composition and interpretation of Alinega. This work therefore emphasises the possibility of treating the teaching-learning process of grammatical elements according to a particular gender, without any deviation from the reality in which it surrounds, and without making this a pretext for the teaching of normative grammar, noting that the choice of the genre Rap song can act in the fight against linguistic prejudice, this under the conceptualization of Bagno (2014).

Keywords: Linguistic Analysis. Neologisms. Rap song.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que o estudo de gramática e, mais especificamente, dos neologismos e dos processos de formação de palavras, ainda se faz muito atrelado à concepção normativa/tradicional, esta que muitas vezes torna o estudo de língua uma prática descontextualizada e tediosa. Por este motivo, iniciamos este trabalho com o seguinte questionamento: de que forma seria possível realizar o processo de ensino-aprendizagem desses elementos em função de um gênero determinado? Como tomar em consideração a relevância dos estudos gramaticais em decorrência de uma concepção de língua como processo e não como produto descontextualizado de seus usos comunicativos?

Reflexões condizentes a esses questionamentos serão realizadas por nós no decorrer deste trabalho. É assim que já adiantamos haver aqui uma preocupação acerca do fato de o estudo de língua, mesmo diante de uma realidade onde afloram pesquisas e reflexões sobre ensino de gramática numa perspectiva linguística, fazer-se deveras normativo.

No interior dessa normatização, observamos que certos fenômenos da linguagem não são apreciados da forma como deveriam, sobretudo aqueles que concernem à criatividade da linguagem, como o é a criação de novas palavras na língua, os neologismos, os quais podem decorrer de vários processos de formação de palavras, alvo de estudo da presente pesquisa, uma vez que o estudo de gêneros em sala de aula, mesmo os literários, ainda hoje se dão como pretextos para o mais tradicional/normativo ensino de gramática, desse modo, não havendo nenhum retorno reflexivo em relação ao gênero escolhido e, tratando-se especificamente do *Rap*, tampouco sobre vê-lo como

prática de linguagem que constitui um saber de referência que pode ser relacionado aos objetos de ensino de língua portuguesa, um objeto cultural que pode atrair os alunos [...], promovendo leituras e escutas reflexivas e críticas sobre o contexto sócio-histórico de emergência do gênero, temas, suportes, valores ideológicos agregados, modos semióticos de materialização pela dança, grafite, sons musicais, linguagem oral e escrita, assim como mecanismos de textualização e enunciativos pelos quais são materializados (PINHEIRO; NASCIMENTO, 2013, p. 3).

Em função desses questionamentos e preocupações, escolhemos o gênero textual-discursivo canção de *Rap* como suporte para uma proposta de atividade que venha a considerar a reflexão de conhecimentos gramaticais consoante a Didatização¹ do gênero. Escolhemos especificamente a canção de *Rap*, por dois motivos. Primeiro, por ser este um gênero no qual a língua em uso se faz evidente, logo, suas propriedades criadora, sócio-histórica e política também são evidenciadas, além de demonstrar a utilização recorrente de variedades linguísticas vinculadas aos grupos sociais de que faz parte e em que é veiculado. Segundo, porque o processo de criação de novas palavras é visível nesse gênero, principalmente no tocante ao surgimento de neologismos.

Nesta pesquisa, apresentamos uma proposta de Atividade de Análise Linguística em torno dos processos de formação de palavras, enfatizando o surgimento de neologismos em um gênero textual-discursivo: canção de *Rap*. Assim sendo, mostraremos a importância dos processos de formação de palavras e dos

¹ A Didatização, segundo Bezerra (2008, p. 135) “remete às reformulações por que passa um conhecimento, a fim de que se possa introduzir o aprendiz no campo desse conhecimento”.

neologismos na composição do gênero, como também para construção de sentido do texto em questão. Atuamos na promoção da competência leitora e crítica do gênero escolhido, refletindo sobre a inserção de novos elementos lexicais, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Linguística mais o eixo da Leitura e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa. Trazemos a compreensão de que a linguagem dita coloquial dos discursos periféricos do *Rap* é uma linguagem tão válida, complexa, e estrutural quanto a linguagem dita culta/normativa. Geramos a percepção de que o gênero canção de *Rap* (bem como outros gêneros, a exemplo do *Funk*) nas salas de aula, também é capaz de produzir saberes e reflexões sobre o uso e composição da língua e que tais canções produzem e veiculam discursos políticos e sociais de resistência, inclusive linguística.

Haja vista o contexto elencado, adotamos a concepção de língua como processo trazida por Bagno (2014) e Geraldi (2011). Também, para apresentar uma abordagem inovadora do ensino de gramática e promover o seu desenvolvimento, enfatizamos as considerações de Bezerra e Reinaldo (2013), sobre Análise Linguística, a partir da base teórica do Interacionismo Sociodiscursivo; trazemos igualmente considerações próprias da morfologia lexical, segundo Laroca (1994), Sandman (1997), Margotti (2008), Bechara (2015) e, para uma visão mais inovadora, Alves (2004), além de outros estudiosos; também nos preocupamos em trazer reflexões sobre gênero e discurso, adotadas por Pauliukonis e Cavalcante (2018) e Bakhtin (originalmente de 1979, mas aqui resgatado na edição de 2003) para situar o gênero textual escolhido.

Isto posto, pretendemos, neste trabalho, quanto à natureza metodológica uma pesquisa qualitativa ao campo da Análise Linguística, realizada a partir do aprofundamento em questões subjetivas, atuando no desenvolvimento da teoria e se fazendo dependente de contexto e interpretação, cujo foco está na apresentação de uma proposta de atividade sobre a qual se possam enxergar estratégias que tentem sanar, de forma prática, alguns dos problemas encontrados no processo de ensino-aprendizagem gramatical nas escolas. Pretendemos também lançar mão de uma investigação exploratória, quanto aos objetivos, pois examinamos um problema de pouco estudo sobre o caso, considerando que o gênero canção de *Rap* pouco é estudado como ferramenta para compreensão e internalização de conhecimentos gramaticais, para prover critérios de compreensão, fazendo o levantamento de ideias, hipóteses. Ainda em se tratando de metodologia, também apresentamos uma abordagem bibliográfica, quanto ao(s) procedimento(s).

2 A GRAMÁTICA NORMATIVA E A ANÁLISE LINGUÍSTICA: POR UMA NOVA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E DE ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA

A língua, revelada na visão de Marcos Bagno (2014, p. 22 – grifo do autor) como “**um fato/fenômeno de natureza sociocognitiva**”, isto é, como uma capacidade intelectual do indivíduo, mas também dependente das interações sociais, nem sempre foi conceituada de tal forma. Em seu *Curso de Linguística Geral*, por exemplo, Ferdinand de Saussure a define como sendo “um **produto** social da faculdade da linguagem” (1916, p. 17 – grifo nosso), e como “produto”, entendemos a língua como matéria acabada, pronta e depositada nas mentes dos falantes para que possa ser usada.

Distante da posição saussuriana, os estudos linguísticos têm enxergado a língua como processo/produção, “concebendo a linguagem como um processo de interação, onde sujeitos se constituem pelo processo de interlocução” (GERALDI,

2011, p. 83). Nessa perspectiva, podemos observar que ela, a linguagem, apresenta determinados aspectos gerais, conforme aponta Bagno (2014, p. 22): “trata-se de um recurso comunicativo, é instrumento de interação e integração sociocultural, organiza-se fonomorfofossintaticamente, faz-se variável e mutante”.

Outro fator relevante sobre a língua, sabendo-se um recurso da interação social, é o seu aspecto pragmático-discursivo, a compreensão de que ela ocorre de acordo com as intenções dos falantes. Desse modo, podemos configurar, em conformidade de gêneros textuais e/ou discursivos em específico. Entenda-se, aqui, gêneros como “padrões textuais que organizam os atos de comunicação nas práticas discursivas” (PAULIUKONIS; CAVALCANTI, p. 19, 2018).

O estudo de língua, em todo o ensino básico (com raras exceções) ainda hoje é realizado de forma metalinguística, ressaltando-se seu caráter formal e pretendendo uma visão de língua como produto. A exemplo disso, os modelos didáticos confluem, por vezes, para o método repetitivo e para avaliações que apontam o que deve ser tido como “certo” ou “errado”, tendo como referentes os modelos tradicionais e normativos de uso da língua e, outras vezes, para metalinguagem, método de ensino-aprendizagem com foco na identificação e classificação sistemática por meio da frase ou texto. Nas duas concepções, o estudo da língua ocorre fora do seu contexto de uso, metodologias que podem tornar o ensino-aprendizagem uma máquina de repetição, não gerando aprendizagem concreta, enquanto o método classificatório, em que não se estende além da frase ou do texto, poderia causar problemas/equívocos de interpretação textual.

Ao considerarmos a língua como um mecanismo de interação social, portanto, não podemos voltar nossa visão para essas metodologias, e sequer para uma Análise Linguística “entendida como a gramática aplicada ao texto, como supõem os autores de livros didáticos”, pois esse uso do termo “Análise Linguística” foge ao considerado por Geraldi. Para o autor, em *O texto na sala de aula* (2011, p. 62) “a ‘prática da análise linguística’ não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a ‘correções’”, mas sim, segundo Britto (1997, p. 239) “como um deslocamento mesmo da reflexão gramatical”, isto porque seu objetivo fundamental “é a construção de conhecimento e não o reconhecimento de estruturas” (BRITTO, 1997, p. 239).

Bezerra e Reinaldo (2013), concordam com Geraldi, quando o próprio cita que

a maior parte do tempo e do esforço gastos por professores e alunos durante o processo escolar, na assim chamada aula de língua portuguesa, é destinada ao aprendizado da metalinguagem de análise da língua, com alguns (e esporádicos) exercícios de língua propriamente ditos (GERALDI, 2011, p. 70).

Geraldi (2011, p. 70) ainda cita que a Análise Linguística (vinculada a outros métodos para os processos de ensino-aprendizagem) objetiva “tentar ultrapassar [...] a artificialidade que se institui na sala de aula quanto ao uso da linguagem”, e também “possibilitar, pelo uso não artificial da linguagem, o domínio efetivo da língua padrão em suas modalidades oral e escrita”. O autor estabelece à prática da Análise Linguística à “recuperação, sistemática e assistemática, da capacidade intuitiva de todo falante de comparar, selecionar e avaliar formas linguísticas” (2011, p. 71).

Um estudo realizado por Bezerra e Reinaldo, em sua obra *Análise Linguística: afinal, a que se refere?* (2013), tende a comprovar o que fora dito mais acima sobre as metodologias de ensino. As autoras, ao analisarem coleções de livros didáticos destinados aos anos finais do Ensino fundamental publicados entre 2000 e 2010,

constatarem que, ao que compreende os estudos dos elementos da língua, geralmente surgem três tendências:

a primeira conserva a perspectiva da gramática tradicional [...]; a segunda adota denominações relacionadas à análise linguística [...], mas ora aborda exclusivamente temas da tradição gramatical (nomenclatura e classificação da palavra e da frase), ora os explora acompanhados de tópicos da linguística de texto (critérios de textualidade) e/ou do estudo de sentido [...] e, conseqüentemente, elaboração de atividades correspondentes aos temas que foram abordados; e a terceira tendência também adota denominações relacionadas à análise linguística, mas sem abordagem sistematizada de temas, nem de atividades a eles correspondentes (BEZERRA E REINALDO, 2013, p. 53)

Simplificando, as autoras enfatizam que, mesmo quando os livros didáticos supostamente aparentam o trabalho com a Análise Linguística, mesmo quando pretendem um estudo das unidades da língua de uma forma diferenciada dos métodos tradicionais, mesmo quando as denominações nos levam a acreditar nisso, ao adentrarmos seus interiores, vemos que tudo se trata apenas de formas para mascarar as verdadeiras intenções linguísticas de tais livros, seja por desconhecimento ou despreparo de suas autoras no tratamento da língua a partir da Análise Linguística, ou seja, pelo simples apego às normas gramaticais já tão enraizadas e voltadas sempre aos métodos prescritivos.

Ainda assim, a terceira tendência observada pelas autoras, denominada de “inovadora”, é exatamente sobre a qual recaem as abordagens do texto no processo de ensino-aprendizagem considerando os usos reais da língua e os gêneros discursivos.

Para Bezerra e Reinaldo

a Análise Linguística se apresenta como alternativa ou complementação ao ensino de gramática tradicional e como reflexão relacionada aos eixos de leitura e de escrita. E os estudos sobre essa prática de análise nos fazem identificar que há uma lacuna na área de formação do professor de língua, a qual carece de pesquisas que explorem a desarticulação entre objeto de estudo e objeto de ensino” (2013, p. 82).

Complementando o pensamento das autoras, salientamos que a prática da Análise Linguística

constitui um trabalho de reflexão sobre a organização do texto escrito e/ou falado, um trabalho no qual **o aluno percebe o texto como resultado de opções temáticas e estruturais feitas pelo autor, tendo em vista o seu interlocutor**. Sob essa ótica, **o texto deixa de ser pretexto para se estudar a nomenclatura gramatical e a sua construção passa a ser o objeto de ensino**. Assim, o trabalho com a gramática deixa de ser visto a partir de exercícios tradicionais, e passa a implicar que o aluno compreenda o que seja um bom texto, como é organizado, como os elementos gramaticais ligam palavras, frases, parágrafos, retomando ou avançando ideias defendidas pelo autor, além disso, **o aluno refletirá e analisará a adequação do discurso considerando o destinatário, o contexto de produção e os efeitos de sentidos provocados pelos recursos linguísticos utilizados no texto** (PARANÁ, 2008, p. 61 – grifo nosso).

Sendo assim, faz-se necessário fugir das metodologias normativas, excludentes e cansativas trazidas no ensino de gramática, isto é, as “dicotomizações,

categorizações inconsistentes e preconceituosas” (BAZARIM; APARÍCIO, p. 6, entre 2009 e 2017). Sobretudo no que condiz aos estudos gramaticais, é preciso que o processo de ensino-aprendizagem não seja uma atividade maçante, e que o professor, através de suas atividades, sirva como um mediador do conhecimento, que leve o aprendiz não só a decorar nomenclaturas e fazer classificações fúteis, mas a compreender o seu uso e sua importância para a construção do texto. Essas afirmações podem (e devem), inclusive, se estenderem à formação de professores de língua, para que estes, por fim, possam trabalhar a Análise Linguística pela tendência inovadora citada por tantos autores, a exemplo de Bezerra e Reinaldo (2013).

Assemelhando-nos à Bezerra e Reinaldo (2013, p. 66-67), aqui proporemos a Análise Linguística como um “recurso metodológico para o ensino/aprendizagem dos aspectos da língua presentes no texto” e, para tal, também nos apoiaremos nos níveis de Análise Linguística propostos por Adam (2011), resgatados por Bezerra e Reinaldo (2013):

O nível **sequencial-composicional** refere-se à organização linear do texto, compondo as sequências textuais [...]. O **enunciativo** corresponde às vozes do texto [...]. O nível **semântico** refere-se ao conteúdo referencial do texto [...]. E o nível argumentativo corresponde aos atos de discurso e sua relação com a orientação argumentativa (BEZERRA e REINALDO, 2013, p. 66 apud ADAM, 2011 – grifo nosso):

Logo, entendemos que o nível sequencial-composicional se trata da

realização material de um enunciado concreto, isto é, a sua organização verbal, visual, ou verbo-visual, definida pelo seu contexto de produção, de recepção e de circulação. Assim, a forma de composição define a textualização de um enunciado em um gênero específico. Assim como o tema, a estrutura composicional é delineada pela esfera social em que o gênero se situa. Ainda que receba forte influência da respectiva esfera social em que um determinado gênero se situa, é preciso ter em mente que a organização composicional é um elemento maleável, cuja plasticidade pode ser reconfigurada pelo quadro peculiar de cada situação comunicativa (OLIVEIRA, 2018, p. 50).

Somado a isso, Oliveira (2018, p. 50) afirma que é pela estrutura composicional de um texto que se pode perceber o gênero em suas partes, sendo ela, portanto, uma espécie de “fio que unifica as sequências do texto”.

No tocante ao nível enunciativo, há de se perceber a multiplicidade de vozes (polifonia) do texto, isto porque “a identidade expressa em um determinado texto reflete o outro – entendido tanto como o interlocutor previamente pensado como a pluralidade de discursos entranhados pela ideologia em cada enunciado” (OLIVEIRA, 2018, p. 48), juntamente ao que Bezerra e Reinaldo (2013, p. 74) apud Adam (2011) entendem como responsabilidade enunciativa, encarregada de demarcar o sujeito da enunciação, e se este toma para si (ou não) a responsabilidade pelo que é dito (o ponto de vista).

Embora todas as representações mobilizadas pelo autor na hora de empreender uma ação de linguagem estejam localizadas no mundo ordinário [mundo “real” representado pelos agentes humanos], é no mundo discursivo [mundo virtual criado pela atividade de linguagem] que se processam as operações de responsabilização enunciativa (OLIVEIRA, 2018, p. 177).

Por fim, ao nível semântico cabem as representações discursivas e o conteúdo referencial. Segundo Aquino (2015, p. 58) apoiado nos estudos de Adam (2011),

observar o nível semântico (referência como representação discursiva) é atentar tanto para a proposição-enunciado na linearidade do texto, concepção do nível sequencial-composicional, quanto para a sua reticularidade, uma vez que é por meio dos movimentos de sentido que se constrói a referência na atividade discursiva.

A partir de agora, apresentaremos as conceituações teórico-metodológicas mais tradicionais a respeito dos neologismos e dos processos de formação de palavras (Morfologia Lexical), apresentando, ao mesmo tempo, uma perspectiva mais inovadora acerca de tais processos morfológicos.

3 DOS NEOLOGISMOS E DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DA TRADIÇÃO PARA A INOVAÇÃO

Sabemos que a língua pode ser vista como um sistema dinâmico, um organismo vivo em constante mudança, e, por isso mesmo, ela é mutável, pois a todo instante novas palavras surgem para atender as necessidades do(s) falante(s) de se comunicar(em), seja por influências culturais, sociais, políticas ou históricas (etc). Essas novas unidades linguísticas são conhecidas por neologismos e seu processo de construção neologia (ALVES, 2004, p. 5; ALVES e MARONEZE, 2018, p. 6).

Parece-nos relativamente incomum o falar sobre neologia e processos de formação de palavras sob uma mesma perspectiva, dado que, geralmente, o estudo dos neologismos surge em gramáticas e livros didáticos como um conceito isolado, à parte dos processos de formação de palavras e, algumas vezes, sequer é citado. Margarida Basílio, em seu livro *Teoria Lexical* (1987), por exemplo, não faz menção a nenhum desses termos. Em sua *Nova Gramática Portuguesa* (1907, p. 137), Cortesão delimita um breve espaço de seus estudos pra trazer uma definição sobre neologismos: “Neolojismo é o emprêgo de novas palavras, quer formadas com os próprios elementos da língua, quer tiradas das línguas estrangeiras; ou o emprêgo duma palavra antiga em nova acepção”. No entanto, essa definição trazida pelo autor faz parte de uma concepção tradicionalista, em que o emprego de neologismo é tido como um vício oposto à clareza da linguagem. Cunha e Cintra, com sua *Breve Gramática do Português Contemporâneo* [1985?] não fazem registro do termo, bem como é o caso da *Gramática Descritiva do Português* (PERINI, 4ª ed. 2005 – sendo a 1ª edição de 1996), na qual há um único trecho dedicado ao assunto:

O falante do português tem a possibilidade (algo limitada) de formar lexemas a partir de constituintes que podem ser menores que a palavra, chamados morfemas. Assim, podemos usar o termo canivetinho, mesmo que nunca o tenhamos ouvido ou lido antes; a nova palavra será compreendida sem dificuldade por qualquer falante do português (p. 346-347).

Perini, ainda que não tivesse o intento de trabalhar aspectos morfológicos, e por isso não se deteve a eles em sua obra, chama-nos a atenção ao postular que “a nova palavra será compreendida sem dificuldade por qualquer falante do português” (2005, p. 347), pois essa afirmativa nos parece de tal modo presunçosa. Claro, é de se esperar que criações tão simples quanto da palavra “canivetinho” sejam facilmente compreendidas, mas não se pode ter certeza que todo neologismo passe por um processo neológico tão simples e compreensível e, que, como disse o autor, seja

compreendido sem dificuldade por qualquer falante da nossa língua. A exemplo disso, em um de seus versos na canção *Psicopretas Vol.2*, de 2018, Alinega faz uso da criação neológica “alitrete”. No caso citado, será especialmente dificultoso que uma pessoa sem prévio conhecimento de quem canta e, mesmo, da gíria “treta”, possa compreender o significado do neologismo. O mesmo ocorre nos versos de Monna Brutal, na mesma canção, ao criar o neologismo “Branca-mingau-com-Fanta”, este que, mesmo dispondo de bases muito simples e separadamente compreensíveis, será demasiadamente difícil de fazer a ligação semântica entre suas partes para quem não sabe de antemão que a rapper Nabrisa, em sua música *Passarin* (2018) cita ter almoçado “mingau com Fanta”, a mesma canção pela qual foi acusada de racismo ao citar que

Inferno é pra branco e pra preto
Cadeia tem branca e preta
Favela tem branco e preto
Rap é pra branco e pra preto
Todo preço já foi pago, eu não preciso dá um jeito (NABRISA, 2018)

Os versos foram tidos como uma forma de minimizar as discussões sobre racismo que aconteciam na época, inclusive porque muito se discutia o papel de pessoas brancas no *Rap*.

Dando continuidade, em *Morfologia do Português* (2008), de Felício Wessling Margotti, podemos inferir que ao usar a expressão “criação de neologismos” (p. 135) o autor se refere à criação de palavras novas, no entanto, não traz conceituação/definição ou trabalho com o termo. O mesmo acontece na *Gramática Derivacional do Português* (-TORTO, RODRIGUES, PEREIRA, PEREIRA e RIBEIRO, 2013), na qual a palavra neologismo aparece, mas a ela não é dado qualquer tratamento específico.

Enquanto isso, Cegalla, em sua *Novíssima Gramática do Português Brasileiro* (2008, p. 96) apenas dita que os neologismos “são uma decorrência do progresso e do desenvolvimento da cultura humana”, e que “novas ideias e invenções criam novas necessidades de expressão”. Assemelhando-se, Bechara (2015, p. 369), em seu capítulo sobre “Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional” explica que

As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos* [...]

Trata-se, obviamente, de um grande avanço ao se comparar com os exemplos anteriores, pois tanto Cegalla (2008) quanto Bechara (2015) tratam os neologismos por uma nova perspectiva, ainda tradicional e sem aprofundamento, mas como atividades renovadoras do léxico da língua e os faz equivaler diretamente aos processos de formação de palavras, mesmo que esse breve tratamento esteja muito aquém do esperado, e não há menção à neologia.

Na *Nova Gramática da Língua Portuguesa para Concursos* (2015, p. 172), de Rodrigo Bezerra, encontramos a seguinte passagem:

A língua não é algo morto, sem vida. Em todo tempo, por causa da evolução dos seres e da evolução do campo do conhecimento, o acervo lexical de um povo se modifica – palavras deixam de ser usadas e tornam-se arcaicas, e palavras novas são criadas. **A esse processo de criação lexical dá-se o nome de neologismo.** [...] Cumpre de antemão frisar que, para a formação

de um neologismo, na maioria dos casos, são usados os mesmos processos utilizados para a formação de muitas palavras em nossa língua: derivação e composição (grifo nosso).

Aqui, cabe-nos salientar que o autor dá ao neologismo um local mais específico, inserindo-o como um outro processo de formação de palavras. Claramente, neologismo não é tratado como o produto, tampouco como provindo do processo neológico.

Uma ótica um pouco mais ampliada acerca do trabalho com neologismos, encontramos na obra *A Gramática para Concursos Públicos* (PESTANA, 2013, p. 251-252). Nela, os neologismos são vistos como produtos dos processos de formação de palavras, valendo-se de derivação, composição, abreviação, siglificação (etc.), sendo estes neologismos definidos como neologismos mórficos, enquanto os que surgem a partir da alteração de sentido são definidos como neologismos semânticos (ou neologismos de sentido).

Partindo de princípios ainda mais amplos e inovadores que Pestana (2013), a doutora em Linguística Ieda Maria Alves, já muito experiente em estudos relativos à neologia e aos neologismos, no livro *Neologismo Criação Lexical* (2ª ed. 2004) a autora aborda o assunto de tal maneira a substituir a expressão “processos de formação de palavras” por, simplesmente, “processos neológicos” e os dividindo categorias mais gerais – os neologismos fonológicos, sintáticos e semânticos, por exemplo – e outras mais específicas – a exemplo dos neologismos formados por derivação e composição, estes estando subcategorizados como parte dos neologismos sintáticos.

3.1 Neologia fonológica

O neologismo fonológico é o resultante de um processo de combinação fonológica inédita ou uma combinação inédita de morfemas. Assim compreendemos que esse tipo de neologismo pode juntar os processos morfofonológicos para formar uma nova unidade lexical. Assim, quando há uma alteração no fonema da unidade lexical ou quando é lexicalizada uma onomatopeia, temos a formação desse tipo de neologismo (SANTOS, 2017, p. 53-54)

A professora Ieda Maria Alves (2004) considera este um tipo de formação neológica rara, isto porque há certa dificuldade na compreensão do signo linguístico que, conseqüentemente, dificulta a compreensão do seu significado na atividade comunicativa. Ao considerarmos que é na atividade comunicativa que uma formação neológica adquire vivacidade, é, portanto, fácil compreender que quanto mais resistência o receptor tiver na compreensão do termo, mais ineficaz será a criação neológica e, não havendo esse respaldo, não vingará, afinal “não basta que um significante esteja de acordo com o sistema de uma língua para que ele se torne um elemento integrante do léxico desse idioma” (ALVES, 2004, p. 11).

Sobre as considerações acima, as formações onomatopaicas têm caráter de exceção, pelo fato de que, apesar de fornecerem um significante inédito, tal significante estará sempre alicerçado em uma sonoridade já existente.

3.2 Neologia sintática

Ao contrário dos neologismos fonológicos, os neologismos sintáticos supõem a combinação de elementos já existentes no sistema linguístico português.

[...] são denominados sintáticos porque a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical (junção de um afixo a uma base), mas concerne também ao nível frásico: o acréscimo de sufixos pode alterar a classe gramatical da palavra-base; a composição tem caráter coordenativo e subordinativo; os integrantes das composição sintagmática e acronímica constituem componentes frásicos com o valor de uma unidade lexical (ALVES, 2004, p. 14).

Segundo Ieda Maria Alves (2004, p. 5), os estudos realizados sobre a história da língua portuguesa têm revelado que o léxico da nossa língua “tem ampliado seu acervo por meio de mecanismos oriundos do latim, a derivação e a composição”, definidos por Bechara (2015), respectivamente, como o ato de “formar palavras de outra primitiva por meio de afixos” (2015, p. 375) e a “criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si” (2015, p. 373).

Simplificando, enquanto o processo derivacional surge pelo acréscimo de afixos (prefixos e sufixos) ao radical (prefixo in + radical feliz = *infeliz*; radical feliz + sufixo mente = *felizmente*), o composicional se dá a partir da junção de dois radicais, como é o caso de *guarda roupa* (guarda + roupa). Bem como citado por Bechara (2015, p. 357), o processo composicional pode decorrer por justaposição, em que a individualidade de seus componentes é facilmente observável (guarda-chuva, mãe-pátria, vaivém), ou por aglutinação, havendo “fusão ou maior integração dos dois radicais”, traduzindo-se pela “perda da delimitação vocabular decorrente” (filho + de + algo = fidalgo; água + ardente = aguardente; vinho + acre = vinagre).

Dentre os processos composicionais na formação de neologismos, um tipo curioso e pouquíssimo visto ou apresentado é o da composição satírica, trazida por Alves (2004, p. 46) como uma associação de bases provindas de variadas matizes semânticas, e que gera estranhamento tanto pela quantidade de elementos associados quanto pelo caráter incomum da própria associação, e cita como exemplos de um e de outro os vocábulos “candidato-deputado-cantor”, (ditadura) militar-tecnocrática-empresarial, atriz-fetiche, ministros-confeitos, partido-ônibus. Segundo a autora (2004, p.47), esse processo neológico, muitas vezes, também pode ter finalidade de riso e/ou ironia, a exemplo do termo “casa-descasa” que poderia facilmente ser atribuído a um casal qualquer que recorrentemente ora se veem separados ora juntos.

Há, ainda, um terceiro processo oriundo da derivação que é astutamente resgatado por Laroça (1994, p.73): a derivação parassintética, que diz respeito ao acréscimo tanto de um prefixo quanto de um sufixo à forma primitiva da palavra (raiz) simultaneamente, como é o caso da palavra *infelizmente* (in + feliz + mente). A entrada simultânea de prefixo e sufixo é também defendida por Margotti (2008, p. 120). Para o autor, “a derivação parassintética consiste na adjunção simultânea de prefixo e sufixo a um radical, de tal modo que a supressão de um ou de outro resulta em uma forma inexistente na língua”, formando vocábulos em que ocorre “solidariedade formal e semântica”. Tanto Bechara (2015, p. 388-390) quanto Margotti (2008, p. 118-126) fazem menção ainda a outros processos de formação de palavras, tais como: formação regressiva, abreviação, reduplicação/fonossemia, conversão/imprópria, combinação e intensificação.

Outro conceito, ainda trazido por Bechara (2015), trata do hibridismo: “formação de palavras com elementos de idiomas diferentes [...]: televisão (grego + português), automóvel (grego + português)” (p. 360). Margotti tratará também sobre hibridismos em um capítulo que reúne outros processos de formação de palavras, incluindo os

empréstimos/estrangeirismos e aportuguesamentos, respectivamente: a introdução de palavras/termos de outras línguas ao léxico da nossa, e à adaptação fonética, gráfica e flexional desses termos à nossa língua (2008, p. 138).

3.3 Neologia semântica

Pestana (2013, p. 252) afirma que “quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um neologismo de sentido”. Santos (2017, p. 54), por sua vez, complementa:

O neologismo semântico é resultante de um processo não mais na forma, mas no conteúdo, na carga semântica, pois a base já é conhecida pela comunidade. O que será novo agora em uma dada forma será o sentido. As estruturas utilizadas nessa tipologia são os recursos estilísticos disponíveis na língua.

O que acontece, de fato, é que um neologismo desse tipo se caracteriza por manter a forma do significante, havendo apenas uma alteração no seu sentido. É o caso, por exemplo da palavra “Jack”, citada por Monna Brutal no verso “Branços, pagando de Jack passando vergonha” do *Rap Psicopretas Vol.2* (2018), em que a palavra não se trata exclusivamente de um nome próprio masculino (ou, mesmo, uma forma abreviada de Jackson), pois aqui, tem o sentido de assediador/estuprador.

Outros exemplos de neologismos semânticos são

gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc. (PESTANA, 2013, p. 252).

Para finalizar este ponto, acreditamos na importância das colocações de SILVA FILHO (2018, p. 144). Conforme o autor, o neologismo semântico

não se comporta apenas como um termo que pode ser analisado e descrito por distintas abordagens linguísticas; é uma unidade lexical que veicula o caráter social e cultural que está por detrás de um novo produto. Sob a perspectiva social e cultural da neologia semântica, o uso da língua não é considerado apenas através das regras do sistema linguístico; o uso desse sistema é determinado por um grupo de indivíduos que integram uma dada comunidade. O processo de criação neológica semântica é responsável pelo enriquecimento, pela atualização e pela modernização da relação conceito/ termo e termo/ sentido.

Mesmo que o autor restrinja sua declaração ao concernente aos neologismos do tipo semântico, arriscamos dizer que parte de suas afirmações bem podem ser atribuídas aos neologismos de um modo geral. Afinal, a língua por si própria, como instrumento de interação, veicula caráter social e cultural, assim como é determinada por grupos de indivíduos que integram determinadas comunidades.

Por fim, antes de iniciarmos o próximo ponto deste trabalho, onde trataremos especificamente sobre o *Rap*, em caráter de síntese, deixamos aqui exposto que

a neologia lexical, comumente mais estudada no âmbito dos estudos morfológicos, estabelece também relações com os outros níveis de análise linguística. Desse modo, a permuta de um fonema por outro pode gerar um

neologismo fonológico, uma mudança de significado frequentemente condiciona a criação de um neologismo semântico, assim como a adição de um prefixo ou de um sufixo implica alterações semânticas na palavra-base e também sintáticas, no contexto frasal (ALVES, 2009?, p. 1821).

Continuando, no próximo ponto desta pesquisa levantaremos discussões acerca do gênero do qual trata esta pesquisa.

4 CANÇÃO DE RAP: UM GÊNERO TEXTUAL-DISCURSIVO EMERGENTE

O rap é uma canção variante, é uma variação da criação da canção. Eu me lembro que a palavra canto, se eu não me engano, está associada aos recitais dos poetas romanos. Cantar era recitar poesia. Nesse sentido, o rap é uma forma de resgate, é a coisa mais fiel a essa forma original, ao conceito original da canção (Gilberto Gil à Folha de São Paulo, 2006)

Ainda se tratando do conceito do gênero canção, ele é, segundo os PCNs

considerado um gênero textual literário de natureza oral, destinado a colaborar com a exploração da leitura e produção de textos no processo de ensino e aprendizagem de língua materna. Sua composição envolve três elementos: um linguístico – o verbal – e dois outros extralinguísticos – a melodia e o ritmo – não-verbais (GADA, 2005, p. 12)

Dentro desse vasto universo da canção, aqui vista pela ótica bakhtiniana, isto é, como um gênero textual-discursivo, ou mesmo um “tipo relativamente estável de enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 262), encontramos o *Rap* que, pela própria composição da sigla é formado por “ritmo e poesia”. Contudo, se por ventura questionarmos o papel da melodia (mencionada por Gada, a partir dos PCNs) como elemento extralinguístico, na canção de *Rap* não o encontraremos, pois, como cita Gilberto Gil (à Folha de São Paulo, 2006), o *Rap* pode ser visto “como uma nova forma de canção [...], que descarta alguns elementos da canção anterior [o tipo de canção mais tradicional, regida por composições rigorosas, ao que se refere à métrica e, até mesmo, às letras] e traz novos elementos”, sobretudo ao descartar a melodia mas assegurar um compromisso maior com o ritmo.

Para além desses aspectos conceituais, uma outra característica do *Rap* como forma de expressão é o fato de que durante toda sua história dentro do Movimento *Hip-Hop*² (e do próprio Movimento, claro) tem servido para alçar a voz dos menos favorecidos e, em essência, trazer discursos políticos antirracistas e antisseparatistas, uma vez que suas origens remetem a um reflexo direto da Diáspora Africana³.

Essa particularidade dos discursos de resistência e reivindicações dentro do gênero, atualmente, expandiu e abraçou outras causas, porém ainda priorizando sempre as lutas raciais. É possível, por exemplo, encontrarmos canções de *Rap* com discursos feministas (pelos direitos das mulheres, inclusive dentro da chamada “cena do *Rap*”), discursos trans (que abrange toda a causa relativa às pessoas trans⁴ e

² Movimento cultural inicialmente articulado pelo DJ Afrika Bambaataa em meados da década de 70, tendo como elementos principais: o *break* (dança), o *Rap* (canção), o *graffiti* (arte visual/pintura) e MC (ou *rapper*).

³ Todo o processo de imigração forçada de pessoas do continente africano para fins escravagistas.

⁴ Pessoa trans, ou transgênera (de transgeneridade) é toda pessoa que foge aos padrões de gêneros que lhe foram impostos ao nascimento e durante a vida, podendo ser binárias (homem ou mulher trans, ou não-binária (que não se identifica única e/ou exclusivamente com algum gênero binário)

travestis⁵), LGBTQIAPN+⁶ (falando sobre a vida e direitos dessas pessoas), *plus size* (direitos e vivências de pessoas gordas), dentre outras causas de minorias sociais.

O *Rap*, portanto, por mais que tenha expandido suas ideologias, mantém um compromisso inequívoco com a luta pelos direitos de pessoas desprivilegiadas de algum modo, considerando os perfis étnicos/raciais, de gênero, de sexualidade, de corpo, status econômico (etc.) previstos como padrões pela sociedade. E, nesse contexto, claro, esse gênero ainda é uma ferramenta de oposição ao preconceito linguístico, que Marcos Bagno postula em sua obra *Preconceito Linguístico o que é, como se faz* (49ª edição, tendo sido a primeira publicada em 1999) que o

preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente” (BAGNO, 49ª ed. 2007, p. 38).

Como diria Gnerre (1978), citado por Geraldini (2011, p. 43), uma “variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”, assim sendo, a partir dessa elucidação podemos inferir os diversos porquês de o *Rap* ser um gênero textual-discursivo com tão rara relevância dentro das escolas, sobretudo se para o ensino de língua e seus elementos constituintes, uma vez que repleto de variedades linguísticas não-normativas e produzido majoritariamente por minorias sociais desde suas origens junto ao Movimento Hip-Hop que, segundo Moreira (2009, p.14) ascendeu durante o “fortalecimento das lutas dos negros norte-americanos, nos anos de 1960, idealizadas e realizadas, principalmente, por Malcom X e Martin Luther King”. Nesse contexto, segundo a mesma autora, as ruas do Bronx (distrito da cidade de Nova York, tido como berço do *Rap* e *Hip-Hop*) passaram a ser palco de cultura, protestos, reivindicações, o que trouxe ao *Rap* e hip-hop uma ressignificação positiva do que antes sequer era considerado cultura (2009, p. 14).

Nesse ínterim, o *Rap*, como gênero textual-discursivo, encaixa-se perfeitamente com toda a descrição de gênero do discurso que Bakhtin traz em sua *Estética da criação verbal* (2003, p. 261-262):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus

⁵ Identidade de pessoas ligadas ao feminino. É um termo amplo, pois travestis podem ou não se verem em relação com o gênero mulher, inclusive há pessoas não-binárias que usam o termo. Identidade exclusiva da América Latina (por Francinei Alves, em seu perfil no site/blog Medium).

⁶ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis, *Queer*, Intersexo, Assexuais e Arromânticos, Pansexuais e Polisssexuais, Não-binários, + mais dissidências de gênero, sexualidade, afetividade, e qualquer outra identidade ou expressão não-padrão (Vitor Rubião, perfil do instagram).

tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros do discurso (grifos do autor).

Dito isto, na próxima seção entraremos numa discussão que reflete sobre a relação inequívoca existente entre o gênero canção de *Rap*, enquanto manifestação textual-discursiva e, por isso, manifestação de língua em interação, e enquanto termo produto de processos neológicos, portanto neologismo.

5 DA PROPOSTA DE ATIVIDADE: O RAP, OS PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS E OS NEOLOGISMOS

Processos de formação de palavras (ou processos neológicos), neologismos, *Rap*. Existe uma relação muito clara entre esses três itens: a língua. E mais do que isso, a língua em uso. De modo que o *Rap* é uma manifestação textual-discursiva em que a língua quase sempre não se prende aos aspectos formais e, com isso, detém maior frequência no surgimento de novas palavras (os neologismos), seja por qual processo for. Isso, obviamente, ocorre porque o *Rap* surge principalmente junto às minorias sociais e, justo por isso, é um estilo musical que sofre ainda hoje (assim como o *Funk*) uma série de preconceitos.

Para deixar essa relação entre os neologismos e seus processos de formação, o *Rap* e a língua ainda mais evidente, basta-nos perceber que a palavra *Rap*, por si só, trata-se de um neologismo, o que significa dizer que é o produto de um ou mais processos neológicos. De tal modo, o termo se origina do sintagma Rhythm And Poetry (“Ritmo e Poesia”) que, nesse caso, “é reduzido de modo a tornar-se mais simples e eficaz no processo de comunicação” (ALVES, 2004, p. 56), configurando-se, por consequência “de um tipo especial de composição sintagmática, a formação de unidades neológicas por meio de siglas, ou acronímica” (ALVES, 2004, p. 56).

Além do exposto acima, ao pontuarmos que a sigla advém de uma outra língua, ela perpassa por três dos processos pelos quais a neologia por empréstimo se manifesta: a) Estrangeirismo: processo no qual o elemento lexical é sentido como não pertencente à língua materna, sendo tido como estrangeirismo, por não fazer parte do acervo lexical da língua vernácula (ALVES, 2004, p. 72); b) Tradução: ocorre quando o emissor sente que poderá não ser devidamente interpretado pelos receptores do texto, e pode alternar entre a tradução estrangeira e a vernácula (ALVES, 2004, p. 76-77) – é comum que, em trabalhos acadêmicos, a palavra *Rap* venha acompanhada de “Rhythm And Poetry” e/ou “Ritmo e Poesia”; e c) Integração: o termo pode ser integrado à nova língua por meio de adaptação gráfica (a configuração escrita, que, algumas vezes, traz o item lexical grafado da mesma forma em que o é na língua de origem) – na cultura *Hip-Hop*, utiliza-se palavras grafadas de acordo com sua origem: *Rap*, *Boombap*, *Beat*, etc. –, morfológica (quando a unidade neológica passa a formar derivados) ou semântica (o vocábulo é introduzido no sistema linguístico em caráter monossêmico – um único significado –, podendo gerar novos significados por via de uso constante) (ALVES, 2004, p. 77-78) – a exemplo deste último, a unidade *Rap* é comumente lida como letra de música/composição vinculada ao gênero da canção, logo, ao dizermos algo como “Alinega compôs um *rap* para a *Cypher Psicopretas Vol. 2*”, não estaríamos afirmando que a *rapper* criou o gênero musical, e sim uma letra de música.

Por conseguinte, pretendemos unir o estudo gramatical ao de gêneros textual-discursivos, pois nos é sabido que os gêneros em sala de aula, mesmo os literários, apresentam-se como suporte para o estudo normativo-gramatical, havendo pouca ou nenhuma reflexão pertinente quanto à relação entre língua e gênero.

Considerar um estudo que pretenda unificar temas de cunho gramatical às reflexões sobre gênero infere, ainda, adentrar aspectos pragmáticos-discursivos da língua, assim como os efeitos de sentido que determinadas construções provocam ou pretendem provocar no texto. Assim como afirmam Pauliukonis e Cavalcanti, a própria coerência de um texto “evidencia uma relação intrínseca com as determinações do gênero em que ele se enquadra e dos discursos que o atravessam” (2018, p. 19). É, portanto, impensável que o estudo de língua desconsidere o gênero no qual ela se encerra.

Sabendo-se que estudar a “língua é, então, tentar detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar de certa forma em determinada situação concreta de interação” (GERALDI, 2011, p. 8), ou seja, vê-la como processo e não produto, a ponto de estar vinculada a determinadas condições de produção do falante e diretamente ligadas a uma certa situação interativa, e sabendo o *Rap* um gênero composicional e inerente à determinada intenção, faz-se evidente que sua característica imprescindível é a linguagem em uso, intrinsecamente relacionado com as definições de língua e linguagem aqui elucidadas.

Por estar diretamente vinculado às realidades composicionais em que se encerram, entendemos que a canção de *Rap*, e seu trabalho em sala de aula, são capazes de formar nos alunos habilidades de competência leitora e crítica. Além disso, esse gênero em específico pode ter uma relação muito estreita com o gênero literário poema/poesia, havendo a possibilidade de fazer com que o aluno construa determinadas relações. Podemos salientar ainda os fatores relacionados às diversas situações comunicativas regidas pela linguagem, com suas variações tão estudadas pelos linguistas de base funcionalista.

Bakhtin, em sua *Estética da Criação Verbal* (2003), aponta para o fato de que o uso da língua e sua configuração individual são puramente contextuais. E o *Rap*, portanto, também o é, uma vez que a escolha desse gênero é regida pela singularidade, originalidade de um determinado “campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc.” (BAKHTIN, 2003, p. 282).

Isto posto, apresentamos adiante uma proposta de atividade que tente considerar a importância dos elementos gramaticais para o estudo, composição e reflexão sobre dado gênero textual-discursivo. Os componentes escolhidos para a nossa proposta são os processos neológicos (processos de formação de palavras) e os neologismos. Esperamos, também, conseguir atuar a partir das práticas de Análise Linguística, logo que a

proposta da Análise Linguística se mostra como uma resposta possível pelos avanços das ciências lingüísticas e educativas no Brasil às mudanças das finalidades da escola brasileira, e à transformação do perfil social e cultural de seu alunado. Tal proposta pretende configurar-se como uma perspectiva teórico-metodológica de reflexão sobre o sistema lingüístico contraposta ao ensino tradicional de gramática (SILVA, 2009, p. 48).

Reiteramos, portanto, que nossa proposta estará contemplada mediante os níveis de análise linguística sugeridos por Adam (2011) e lembrados por Bezerra e Reinaldo (2013, p. 66): o nível sequencial-composicional, o nível semântico, o nível enunciativo e o argumentativo. Propomos, então,

uma análise linguística voltada para o estudo do funcionamento linguístico-textual e enunciativo do gênero [...], contemplando os níveis: sequencial-composicional (estruturação linear do texto, que envolve as sequências que compõem seu plano); semântico (representações discursivas e conexões que remetem ao conteúdo referencial do texto); enunciativo (responsabilidade enunciativa que corresponde às vozes do texto); e argumentativo (atos de discurso e sua contribuição para a orientação argumentativa do texto (BEZERRA; REINALDO, 2013, p.67).

O *corpus* utilizado para o desenvolvimento dessa proposta é uma canção de *Rap*, mais especificamente um trecho da *cypher*⁷ *Psicopretas Vol.2*⁸ (Figura 1) cantado por Alinega.

Figura 1 – Versos da *Cypher Psicopretas Vol.2* (por Alinega)

É OCRIME77 original favela
 Soul psicopreta das vilã que num da goela
 (Então diz) quantas Mateusa ainda vão ter que partir e
 Quantas Marielle ainda vão ter que morrer, an?
 Pra fazer boy entender Hip Hop não é banheiro químico pra tu cagar no meu rolê
 É o loló, é o pó, é a química
 Fazem nois lotar sarjetas, celas, clínicas
 Presídios empretecidos, pretos trazem falecido antes do nome segundo a estatística
 Quero vê-los na estica, não esticando mais um
 Pretas executivas e não executadas
 Quem é mais preto ou quem é menos preto enquanto sobe mais um
 Não é twitter, isso aqui fi, é vivência de quebrada
 Respeito pra ter conceito, num é só chegar pra ser aceito
 Os canas querem acerto se não é só desacerto
 Matando flores do gueto, pra morrer basta tá vivo ou basta ser lgbt e preto?
 Minha mãezinha me abençoe pr'eu sair que eu nem sei mais se eu volto
 O inimigo tem barca, tem moto, arma na palma e também tem voto, caneta pronta pra assinar óbito,
 racistas morrem na punheta e eu sócia da loto
 Não é mais Bibi Perigosa, agora é "alitrete"
 Nois é plactudum flow tiro de "escopreta"
 Bem problemática, tipo neguinho do kaxeta
 Todo ouro e poder pras "bucepreta"

Fonte: *Psicopretas Vol. 2* - Narceja Produções - Youtube (2018)

Sendo assim, garantimos que a seleção de uma parte do todo que é a *Cypher* não desmaterializa o gênero textual-discursivo em questão, sabendo-se que cada *Rap* dentro de uma *Cypher* é uma composição única e independente das outras. Este tipo específico de performance serve para unir MC's em prol de uma mesma causa, marcada pelo tema/título proposto, o que servirá de alicerce para a composição de cada *rapper* presente. Esta segunda versão do projeto *Psicopretas* contou com a

⁷ Cypher: Significa literalmente cifra e, para o Rap estaria para uma reunião de MCs diferentes em um mesmo som (ARAÚJO, 2018, p. 14)

⁸ *Psicopretas* é um projeto independente criado pela cantora Sistah Chilli, a fim de reunir mulheres pretas de pele mais retinta e mais clara para rimar sobre temas relacionados ao racismo (CALDEIRA, 2018). O primeiro volume da canção conta com a presença de Danna Lisboa, Bia D'Oxum, Anarka Dory de Oliveira, Cris SNJ e Sistah Chilli.

presença de Yzalú, Gabi Nyarai, Alinega, Meg Tmthc, Sistah Chilli e Monna Brutal, além de Vibox no *beat*⁹.

5.1 Explorando o texto no nível sequencial-composicional

A construção composicional de um gênero é revelada pela divisão do texto em seus segmentos (título, parágrafo, tópicos, versos, estrofes etc.), pela seleção e organização das informações, pela disposição dos elementos gráficos. Também são englobados pela composição a escolha e o arranjo das sequências textuais adequadas para a estruturação do discurso (OLIVEIRA, 2018, p. 47)

Este nível da prática de Análise Linguística tem por interesse identificar, analisar e refletir sobre os aspectos que fazem do texto ser o que ela é. Parte inerente a esses aspectos, como citado por Oliveira (2018, p. 47), é a delimitação da(s) sequência(s) textual(is) em que se alicerça o texto e seu gênero.

Sequências textuais são unidades linguístico-textuais básicas (prototípicas) que fazem parte da constituição dos gêneros textuais, contribuindo para se identificar um gênero que se estrutura com predominância de forma narrativa ou argumentativa, por exemplo. Ou seja, são formas linguísticas organizadas que constituem a estrutura composicional de um gênero, sendo, por isso, mais estáveis e menos suscetíveis a alterações por influência de fatores sociais [...]. As sequências são narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas, injuntivas (prescritivas) e dialogais, lembrando o conceito de tipos textuais, que remete a essa mesma classificação, mas se refere a um modelo teórico, abstrato de gramática do texto, e deixa entrever-se a ideia de que essa classificação serve para o texto em sua totalidade. (BEZERRA, para o Glossário Ceale)

Partindo desses pressupostos, nas questões, a seguir, tentaremos explorar tais aspectos.

1. *Psicopretas Vol.2* é o título de uma canção de *Rap* lançada em outubro de 2018. A partir desse título, e considerando a data de lançamento, você consegue imaginar e discorrer sobre o que trata a canção?

2. Você gosta ou já ouviu uma canção de *Rap*? Se sim, conhece algumas de suas características?

3. Caso tenha conseguido pensar do que trata a canção através do título, que estratégias ou pistas utilizou para isso?

4. Observando a organização/estrutura da letra da música, você diria que o texto tem alguma semelhança com algum outro tipo de texto que tenha estudado nas aulas de português (literatura)?

5. Você consegue fazer alguma relação entre os conteúdos das aulas de português e o título da canção?

6. A estrutura de um gênero textual é, além de tudo, composta por sequências textuais, responsáveis por ditar que tipo de texto estamos lendo. São elas: narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas, injuntivas (prescritivas) e dialogais. Você saberia dizer qual dessas sequências é predominante no texto? Há outra(s) sequência(s) no texto? Qual(is)?

⁹ De *Beatmaker*: Profissional equivalente ao *DJ*, mas que se designa especificamente a criar a parte instrumental da música (ARAÚJO, 2018, p. 13). O *beat*, nesse caso é o conjunto de sons produzidos pelo *beatmaker*, é a "batida" da *cypher*.

Neste primeiro momento da atividade, esperamos que os alunos sejam capazes de pensar criticamente, através do levantamento de hipóteses, sobre o contexto da canção e relacionar aspectos da sua estrutura (como título, palavras, e sequências textuais) com os conteúdos previamente estudados, principalmente os conteúdos morfológicos, que se esperam estar sendo estudados, seja na disciplina ou em anos anteriores do ensino. Também é esperado que o aluno relacione o gênero textual-discursivo *Rap* a algum outro gênero mais comumente estudado em aulas de português, a exemplo do gênero literário poético, assim como consiga identificar qual método o próprio utilizou para gerar autoaprendizagem, seja pelo levantamento de hipóteses, dedução, ou mesmo qualquer relação mais direta que tenha feito por ter conhecimento prévios dos assuntos.

Não é esperado que o aluno responda todas as questões de maneira muito técnica, ou que seja exigida uma resposta pré-concebida pelo educador. O ideal seria, antes de partir para as próximas atividades, dialogar em coletivo com os alunos sobre as respostas, de modo que este momento detenha questões que condizem com as experiências pessoais de cada educando. Além disso, será imprescindível que se justifiquem questões que explorem a forma como o texto se compõe ou se organiza, isto é, para gerar compreensão de que o modo como um texto está estruturado, a escolha de um título e mesmo de expressões e palavras dispostas no texto muito dizem não apenas sobre o texto em si, mas sobre quem o compôs, para quem o compôs, sua necessidade e esfera de circulação etc.

5.2 Nível enunciativo: construindo conceitos

Ao que se restringe à enunciação, pretendemos que as questões a seguir levem o aluno a conseguir enxergar as vozes que circundam o texto, tanto a voz do enunciador (aquele que fala ou escreve), quanto a do enunciatário (aquele para quem se fala ou se escreve), assim como também haja a possibilidade de verificar que “a identidade expressa em um determinado texto reflete o outro – entendido tanto como o interlocutor previamente pensado como a pluralidade de discursos entranhados pela ideologia em cada enunciado” (OLIVEIRA, 2018, p. 48).

Dando continuidade, podemos partir para as questões seguintes:

7. De modo que estamos estudando o gênero **Rap**, não deixa de ser importante que saibamos que essa palavra passou por dois processos de formação: **Acrossemia** (conhecida pela formação de siglas) e **Estrangeirismo**. Reflita e justifique essa afirmação.

8. A canção de *Rap*, ainda hoje, é tida como um gênero textual-discursivo marginalizado. Isso acontece em decorrência de muitos fatores, um deles é o preconceito linguístico.

a. Considerando os estudos realizados nas atividades anteriores, que elementos e/ou processos linguísticos refutam o senso comum de que a linguagem aplicada comumente em canções de *Rap* seria incorreta, sem base nas regras gramaticais da língua?

b. Na maioria das vezes, o *Rap* compreende uma variação linguística diferente da norma culta/padrão. Não considerar essa variação é não reconhecer os diferentes grupos que se fazem presentes na realidade social. O estudo de gramática, a partir desse gênero pode ser aporte para o combate ao preconceito linguístico? De que forma?

c. Uma canção de *Rap* pode dizer muito sobre a realidade dos sujeitos retratados em suas composições. Partindo do texto *Psicopretas Vol.2*, o texto trata de que tema, e para qual tipo de pessoas?

9. Você tinha alguma visão negativa preconcebida em relação ao gênero aqui estudado? O que mudou na sua visão acerca desse gênero?

10. Com base no texto, que motivações você sugere que a *rapper* Alinega teve ao escrever seu trecho da canção e que possíveis objetivos?

Bem como nos exercícios da seção anterior, os aqui elencados objetivam que o aluno, mesclando entre mecanismos de dedução, conhecimento de mundo e os saberes que estão sendo lecionados, compreenda o grau de complexidade que existe na composição da letra de *Rap*, bem como entenda o porquê de tais formações neológicas e escolhas lexicais terem sido importantes para o gênero estudado.

Como esta é uma atividade que prevê conhecimento de gênero, vale salientar que seja realizada no decorrer de uma sequência didática, que preencha, no mínimo, um total de dez encontros, distribuídos de modo que o gênero canção de *Rap* venha sendo apresentado através de outros textos/discursos, estes outros deverão focar na pluralidade de vozes e discussões que esse gênero é capaz de abarcar, de modo que dê aos alunos conhecimento prévio para iniciar-se à realização das atividades.

É possível que, questões como essas levem o educando a ter uma visão mais crítica acerca do próprio gênero, seja pela complexidade de sua composição ou pelo posicionamento sócio-político que existe por trás do texto.

5.3 Nível semântico: para uma visão crítica da linguagem

Nesta etapa, do método de ensino-aprendizagem, objetiva-se fazer com que o aluno busque conhecimentos de morfologia que vêm sendo estudados na disciplina e, claro, os conhecimentos gramaticais, desta vez, destacando a significância das formas linguísticas em função de tudo que foi explorado nas duas etapas anteriores: a composição estrutural do texto e as vozes enunciadas e representadas no gênero textual.

. Logo, o fator mais importante das atividades aqui dispostas é capacitar o aluno a refletir sobre a língua no seu estado usual, e a importância dos conhecimentos morfológicos para compreensão e interpretação dos sentidos do texto. Também se faz importante que o educando compreenda que a formação de palavras e consequente uso de neologismos é uma prática cotidiana e ocorre nas mais diversas esferas da sociedade.

Com esta última etapa do processo, esperamos, além de tudo, fazer com que reflitam por sobre a importância desses conhecimentos para o aprendizado da disciplina, bem como para suas experiências cotidianas, como a exemplo da interpretação de músicas como a que foi aqui explanada, e outros textos de modo geral. Sem mais delongas, seguem as atividades.

11. Uma *cypher*, no mundo do *Hip-Hop* é o que se entende por uma música composta por um grupo de pessoas. Nesse tipo de performance, cada artista é responsável por cantar sua própria composição, de modo que o título faz parte de um tema geral, mas cada rapper tem liberdade composicional. Sendo assim, os versos de cada um podem ser tidos separadamente sem prejudicar o todo ou o gênero.

a. O texto *Psicopretas Vol.2* é composto por algumas palavras que, aparentemente, não fazem parte do léxico da língua, isto é, não foram dicionarizadas.

Sendo assim, são conhecidas como **Neologismos**, palavras novas. Você poderia identificar algumas? Cite-as.

b. Qual a importância dessas palavras para o texto? É provável que haja algum objetivo no uso específico dessas palavras, será que elas exprimem alguma ideologia ou ponto de vista?

c. Agora que você já selecionou as palavras, tente identificar quais os elementos morfológicos que as compõem, por exemplo: malamar = *mal* + *amar*; embranquecido = *em-* + *branco* + *-ido*.

d. Analisando os fragmentos que formam as palavras que você selecionou nos exercícios anteriores, que significados sugere que tenham?

e. As palavras “quebrada” e “canas” têm significados dicionarizados e comuns, sabe dizer quais são e se no texto que você leu elas têm ainda esses mesmos significados? Caso tenham outros significados, pode identificá-los e nomear esse tipo de ocorrência?

12. *Cypher* é um estrangeirismo, à medida que é uma palavra trazida de outra língua (inglês = cifra) e incorporada à nossa, muito usual nas esferas sociais em que o *Rap* se propaga mais frequentemente. No texto, é possível identificar algum estrangeirismo? Você conhece o significado dessa(s) palavra(s)?

13. Existe um processo de formação de palavra, chamado **Fonossemia**, que compreende a repetição de sons da língua no intuito de imitar algum som/ruído natural (*splash*, *cri-cri* etc). No *Rap* de Alinega, você identificou algum termo com essa função e poderia suspeitar qual o efeito de sentido causou no texto a partir do seu uso?

14. No verso “Pretas executivas e não executadas”, a rapper Alinega brinca com o efeito de sentido das palavras *executivas* e *executadas*. Que componente(s) morfológico(s) causa(m) a oposição de sentido entre as palavras destacadas? Explique.

15. No verso “Os canas querem acerto se não é só desacerto”, a cantora novamente brinca com o efeito de sentido, dessa vez provindo dos termos *acerto* e *desacerto*. Bem como na questão anterior, tente enxergar quais elementos contribuem para oposição de sentido e justifique sua resposta.

16. Agora que você muito provavelmente compreende alguns relevantes processos de formação de palavras, identifique, nos termos selecionados nas atividades anteriores, por quais processos de formação de palavras os neologismos passaram.

17. Com base no que tem visto até aqui, você conhece ou usa termos que seriam tidos como **Neologismos**? Como eles são formados e o que significam?

18. Por fim, após realizar todas as atividades até aqui propostas, qual a importância dos conteúdos linguísticos estudados nas aulas de português para a construção de sentidos e, até mesmo, como você é testemunha, para a interpretação do texto?

O primeiro momento da atividade (“Explorando o Nível Sequencial-Composicional”) deverá ocorrer em um encontro, enquanto os outros momentos (“Nível Enunciativo: Construindo Conceitos; Nível Semântico: Para uma Visão Crítica da Linguagem”) em dois cada qual, totalizando cinco encontros. Dois encontros deverão anteceder o início das atividades, pelos motivos já mencionados. A carga horária restante compreenderá possíveis imprevistos e a mescla da qual muito provavelmente, conhecendo a realidade do ensino público, o educador necessitará para trabalhar mais precisamente os conteúdos, trazer outros exemplos, sanar dúvidas etc.

Quanto ao nível de compreensão desta proposta, deverá sempre reivindicar contextualização. À priori, pensa-se em sua aplicação em turmas de 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do médio, considerando o objeto de estudo gramatical aqui estipulado. Logicamente que a depender do contexto escolar e em que nível cognitivo encontram-se seus alunos.

Partindo para nossas considerações finais, esperamos que os alunos compreendam os elementos gramaticais estudados até então como de extrema relevância para a composição poética do gênero canção de *Rap*, assim como também se considere o estudo de gramática a partir desse gênero como uma forma de combater o preconceito linguístico tão recorrente quando tratamos da(s) variação(ões) linguística(s) de que o *Rap* geralmente faz uso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolver deste trabalho de pesquisa, observamos que a possibilidade de aplicação de atividades com conteúdos tradicionais, contudo, porém alicerçados à prática de Análise Linguística e na concepção de língua como instrumento de interação, que prevê a língua em seu uso e considerando os seus aspectos gramaticais, lexicais, semânticos e pragmático-discursivos não está tão distante da realidade como se pensa. Obviamente, será sempre preciso considerar a realidade de cada educador, de cada escola, e de seus alunos, para identificar as possibilidades de aplicação. No entanto, é possível afirmar que atividades como estas aqui propostas necessitariam apenas de adequações contextuais.

Além de tudo, atividades desse tipo, podem ser capazes de amenizar ou, sendo otimistas, sanar ideias preconcebidas do alunado quanto ao surgimento de novas palavras no léxico da língua; capazes de levar os alunos a compreenderem a língua como processo, dinâmica e, portanto, fazê-los perceber que a linguagem não-padrão existe e não é um erro, apenas existe por via de determinados contextos e para determinadas finalidades, assim como a linguagem culta, posto que a língua acontece em gêneros textuais e/ou discursivos.

Haja vista que o *Rap*, na maioria das vezes, está repleto de neologismos e do discurso dito informal, levá-lo para sala de aula como suporte para educação é também lutar contra a disseminação do preconceito linguístico que, para Bagno nada mais é do que um “conjunto de ideias que se manifesta concretamente na **discriminação pela linguagem**” (2014, p. 57, grifo do autor). Devemos entender que não existe a possibilidade de alguém falar ou construir segmentações linguísticas compreensíveis sem obedecer determinadas regras gramaticas, mesmo que o discurso não esteja regido pela norma culta. Faz-se imprescindível que, mesmo nos anos escolares do ensino básico, os alunos compreendam que a língua é passível de mudanças, ainda que pequenas.

Concluimos, portanto, o quão grande é a importância de trabalhar gêneros textuais-discursivos como o *Rap* para fins de aprendizagem, devido à aproximação que o estilo musical tem para com toda essa conceituação envolvendo dinamismo da língua, processo de interação, intenção comunicativa e fatores sócio-histórico-políticos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Francinei. **O que cada letra da sigla LGBTQIAP+ corresponde?**. Medium. Brasil, 10 de julho de 2020. Disponível em: <https://medium.com/@f99alves/o-que-cada-letra-da-sigla-lgbtqiap-corresponde-568abf113d36>. Acesso em: 22/08/2020.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologia e implicações textuais**. São Paulo: [s.n], [2009?].
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo Criação Lexical**. 2ª ed. São Paulo – SP: Editora Ática, 2004.
- ALVES, Ieda Maria; MARONEZZE, Bruno. **Neologia: Histórico e Perspectivas**. **Revista GTLex**. Uberlândia, v.4, n.1, p. 6-32, júlio/dezembro, 2018.
- AQUINO, Lucélio Dantas de. **Representações discursivas de Lula nas capas das revistas Época e Veja**. 2015. 232 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, 2015.
- ARAÚJO, Leonardo Luíz da Silva. **Violência e Hip-Hop: transformando um problema em arte**. 2018, 79 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santos, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2018.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. 1. ed. São Paulo – SP: Parábola Editorial, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 47ª e 48ª ed. **Revista Nova Escola**. São Paulo – SP, junho, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. **Estética da criação verbal**. [S.l.:s.n.]: [2003, p. 261-306].
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- BAZARIM, Milene; APARÍCIO, Ana Sílvia Moço. **Gramatização: uma (outra) forma de olhar a Gramática e seus impactos na seleção de objetos de ensino de Língua Portuguesa**. [S.l.: s.n.]: [entre 2009 e 2017].
- BAZARIM, Milene; MARONEZE, Bruno Oliveira. **Neologia e Ensino de Língua Portuguesa: uma proposta didática para o Ensino Médio**. [S.l.: s.n.]: [entre 2008 e 2017].
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BENTES, Anna Christina. Contexto e multimodalidade na elaboração de raps paulistas. **Revista Investigações - Linguística e Teoria Literária**. ISSN Edição Digital 2175-294X, Pernambuco, vol. 21, n. 2, p. 199-219, out/2008.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Da redação ao gênero textual: a didatização da escrita na sala de aula. In: MOURA, Denilda. (Org). **Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: EDUFAL, 2008. p. 135-138.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística: afinal a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013, volume 3.

BRITTO, L. P. Leme. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1997.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CINTRA, Lindley; CUNHA, Celso. **Breve Gramática do Português Contemporâneo**. Lisboa: João Sa de Costa, [1985?].

CORTESÃO, A. A. **Nova Gramática Portuguesa**. 7ª ed. Coimbra: F. França Amado, 1907.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo – SP: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

GADA, Ana Lúcia Colodetti. **A canção no livro didático de língua portuguesa**. 2005. 137 f. Dissertação (Graduação em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Pará, 2005.

GERALDI João Wanderley (org.); ALMEIDA, Milton José de... [et al.]. **O texto na sala de aula**. - 1.ed. - São Paulo: Ática, 2011.

GIL, Gilberto. Leia a íntegra da entrevista com o ministro Gilberto Gil. [entrevista concedida à Adriana Ferreira Silva. **Folha**, São Paulo, 3 abr. 2006. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u59314.shtml. Acesso em: 21/08/2020.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. **Manual de morfologia do português**. 5. ed. rev. ampl. Campinas, SP: Pontes, 2011.

MARGOTTI, F. W. **Morfologia do português**. UFSC, UAB – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

MARONEZZE, Bruno Oliveira. **Substantivos neológicos abstratos derivados de adjetivos no português brasileiro contemporâneo**. *Revista GTLex*. Uberlândia, v.1, p. 139-143, 2009.

JESUS, Luci Elaine de. **Análise Linguística, como desatar esse nó?** [S.l.:s.n.]: [20–], 25 f.

MENDONÇA, M. Análise Linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2006, p. 199-226.

MOREIRA, Tatiana Aparecida. **A constituição da subjetividade em raps dos Racionais MC's**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, Espírito Santos, 2009.

NASCIMENTO, Elvira Lopes; PINHEIRO, Elaine Cristina. **Rap – um gênero textual para letramento de reexistência**. In: Congresso Nacional de Linguagens em Interação Múltiplos Olhares – CONALI, IV, 2013, Maringá. (Artigo). Maringá: GED/UNESP, 2013, p. 1-15

OLIVEIRA, Jairo Venício Carvalhais de. **A perspectiva textual discursiva da linguagem no estudo de artigos jornalísticos de opinião [manuscrito]: abordagens na mídia e no ensino**. 2018, 371 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa**. Paraná: SEED, 2008.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Texto e ensino**. Natal: SEDIS-UFRN, 2018.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. 4ª ed. São Paulo – SP: Editora Ática, 2005.

PESTANA, Fernando. **A Gramática para Concursos Públicos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

PSICOPRETAS VOL.2. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (7:13 min). Publicado pelo canal Narceja Produções. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=55D5yCCwLxY>. Acesso em: 22 ago. 2020.

RIBEIRO, Christian Carlos Rodrigues. **Novas formas de vivências nas Pólis brasileiras? A ação transformadora da realidade urbana pelo movimento hip hop** [pdf] In: Seminário Nacional “Paisagem e participação: práticas no espaço livre público”. 2007, São Paulo.

RIBEIRO, Christian Carlos Rodrigues. **O movimento hip hop como gerador de urbanidade: um estudo de caso sobre gestão urbana em Campinas**. 2006. 236 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo, 2006.

RUBIÃO, Vitor. “Siglas” Instagram. 8 de junho de 2020. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CBL9bHANpiL/?hl=pt-br>. Acesso em: 22/08/2020.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1997. – (Repensando a Língua Portuguesa).

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo – SP: Cultrix, 2012.

TORRANO, S. D. P. **Produtividade e criatividade do léxico: os neologismos na área da Informática**. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

-TORTO, Graça Rio; RODRIGUES, Alexandra Soares; PEREIRA, Isabel; PEREIRA, Rui; RIBEIRO, Sílvia (org.). **Gramática Derivacional do Português**. 2ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

ANEXO A – PSICOPRETAS VOL. 2: YZALÚ, NYARAI, ALINEGA

(YZALÚ)

Eu burlei o sistema de várias maneiras,
 Eles me temem sou da maloca prolífera,
 Liga pique original, das arestas, marginal, cafuza,
 Bem diferente das publicidades Jequiti,
 Eu propus um feat com uns feras,
 Depois descobri quem eles querem são as belas e os parças chegado,
 Banca de esteio é mato e nesse estreito sobra o anonimato pras Latifah zica da periferia,
 Dona Clementina, Jovelina espia “ceis” nem vem tentar meu bem nós somos dessa cria
 Essa cena é hype, né? Nois aqui é première,
 No mano a mano pergunto meu mano, tu tá argumentando que as mina não rima ainda?
 No game eu tô trampando a uns tempo “ceis”
 Gostem ou não ganhei meu respeito e de cabeça erguida vivendo
 No mic X-Woman vai vendo!

(GABI NYARAI)

Tipo bruxa de Salem, pretona periculosa
 Num país que é preto, ceis sonha com buceta Rosa
 No touch my hair, no touch my body
 Pra racista é paulada nois te pega e explode
 As preta reunida veio pra fazer bilhões
 Muito branco falando poucas reparações
 Afro empreendedoras dona do próprio negócio
 Auto estima, auto amor hoje se tornaram sócio
 Ceis abafaram nossa história, pra esconder potencial
 Fez parecer que desde sempre é cana ou cafezal
 Retomando o trono coroa e tradição
 Se for pra jorrar sangue num é o nosso não
 Que a família real, é a do mundo real
 E já que é uma guerra, pegue seu arsenal
 Lírico poético de fácil entendimento
 Se num for pelo acesso nois ta é perdendo tempo

(ALINEGA OCRIME77)

É OCRIME77 original favela
 Soul psicopreta das vilã que num da goela
 (Então diz) quantas Mateusa ainda vão ter que partir e
 Quantas Marielle ainda vão ter que morrer an?
 Pra fazer boy entender hip Hop não é banheiro químico pra tu cagar no meu rolê
 É o loló, é o pó, é a química
 Fazem nois lotar sarjetas, celas, clínicas
 Presídios empretecidos, pretos trazem falecido antes do nome segundo a estatística
 Quero vê-los na estica, não esticando mais um
 Pretas executivas e não executadas
 Quem é mais preto ou quem é menos preto enquanto sobe mais um
 Não é twitter, isso aqui fi, é vivência de quebrada
 Respeito pra ter conceito, num é só chegar pra ser aceito
 Os canas querem acerto se não é só desacerto
 Matando flores do gueto, pra morrer basta tá vivo ou basta ser lgbt e preto?
 Minha mãezinha me abençoe pr’eu sair que eu nem sei mais se eu volto
 O inimigo tem barca tem moto, arma na palma e também tem voto, caneta pronta pra
 assinar óbito, racistas morrem na punheta e eu sócia da loto
 Não é mais Bibi Perigosa agora é “alitreta”
 Nois é plactudum flow tiro de “escopreta”
 Bem problemática tipo neguinho do kaxeta
 Todo ouro e poder pras “bucepreta”

ANEXO B – PSICOPRETAS VOL. 2: MEG, SISTAH, MONNA BRUTAL

(MEG PEDROSO)

Entraram 4 caras na favela mano todos atirando,
 Acho engraçado que globo fica mais, troféu do ano,
 fica tranquila por que o governo já está cuidando.
 Hey, Mano o que que tem na minha cor é muita melanina pra você?
 Racistas não sabem o que é amar, racistas não sabem.
 Você não sabe o que é passar por isso, consigo ver o ódio no seu olhar, será que pra Deus
 somos iguais, vocês gostam de ser rivais,
 Eu criei você, você me criou, somos a cópia perfeita que faltava no amor, esse problema
 todo que você criou, somos reflexo daquilo que nos machucou.
 Eu não vou ser aquilo que eles querem que eu seja, todo mundo pode ser o que quiser ser,
 o que quiser ser.
 Preta. Quanto amor perdeu que te correu, cadê o seu valor, seja seu próprio amor, não
 aceite menos do que entregou
 É que pra moldar o mundo tem que vir dentro dará dara dara...

(SISTAH CHILLI)

Encaixe pra boca de fascista é a guia!
 Aqui é pocas ideia, nem gasto diplomacia.
 Dobra e soca no seu cu esse papo de supremacia
 Nem troco ideia pra verme, anencéfalo, sem teoria
 Antifascista, antirracista, que você teme e desvia
 Minha pele quente é convite... SÓ SE FOR PRA SUA VALA FRIA!
 Enche essa boca de merda
 Se acha rei do universo
 Mas quando preto tá no topa (ahhh) "RACISMO REVERSO?"
 Minha ancestralidade é que fode a tua vaidade
 E eu me incorporo imperial
 Heresia pra sociedade
 Ceis discute no twitter papo de tonalidade
 Que divide nossa luta com seus ego e vaidade
 Mas chegamos como dedo na ferida e tiro de bereta
 E tá pra nascer um pé de breque que cala UMA PSICOPRETA...

(MONNA BRUTAL)

Branco, e seu bando de MCs Hanna Montana, bolos de bostas se achando montanhas.
 Branco, pagando de Jack passando vergonha.
 Tu deves ser amigo da Branca-mingau-com-fanta.
 Deve ser sobrinho da tia racista.
 Deve ser filho do Branco faixa preta.
 Apropriadores não sentiram nossas dores,
 Estamos indo buscar sua cabeça pra pôr na bandeja...
 Enche a boca pra dizer que o preço foi pago, ironia?!
 Numa era em que brota MC fazendo apologia ao ato nazista.
 Me pergunta, o porque de eu não ser "a pacifista"
 É que minha pele ocupa maioria das covas, prisões e periferias.
 Fera mamãe África, a branca etnia!
 Tu esqueceu que os teus estupraram as nossas Índias?
 Coincidência sua apologia ao estupro nas rimas...
 Depois pergunta porque sempre queremos sair arrancando picas!
 Represento Katrina, Kell e Cunanny. 808, um salve pra nanny .
 Isso é Monna Brutal derramar de sangue.
 Psicopreta deixa nazista em pane.
 Psicopreta Pensante Pisando em putos Buscando diamantes.
 Racista bom? É racista jorrando Sangue.
 Bang Bang, Dory ja disse, é o levante.
 Devolvendo a chicotada, explodindo a casa grande!!!!

ANEXO C – CAPA DO SINGLE PSICOPRETAS VOL.2

Meg Pedroso, Sistah Chilli, Monna Brutal, Alinega, Yzalú e Gabi Nyarai (da esquerda para a direita)
Fonte: <https://www.letras.mus.br/narceja-producoes/psicopretas-vol-2/>. Acesso em 24/11/2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, principalmente, por me guiar e me ajudar a trilhar todas as etapas da vida que me trouxeram até este momento. Por ser Ele maior que todas as dificuldades, e me fazer maior que qualquer barreira.

Aos meus pais e familiares. Especialmente à minha mãe, que nos momentos em que a dúvida se fazia maior que minha capacidade, foi capaz de me fazer não desacreditar.

À minha filha, hoje e sempre, por ser o meu alicerce, por nunca me deixar esquecer que “a felicidade pode ser encontrada mesmo nas horas mais difíceis, se a pessoa se lembrar de acender a luz”.

A Sathurno, prime queride, por todo apoio e ajuda ao longo desses anos. Minha gratidão é imensurável.

Agradeço também aos meus professores e professoras pelos quais passei no decorrer do curso e que, obviamente, tiveram valor indispensável na minha construção de conhecimentos.

Por fim, gostaria de agradecer, excepcionalmente, à Dra. Dalva Lobão (minha orientadora) pelas correções e ensinamentos que possibilitaram a realização deste sonho.